

## LITERATURA AFROBRASILUSA: TENTATIVA DE CONCEITO

Como é de todos sabido, a Língua Portuguesa que Roma nos legou através do Latim *popular* ou *vulgar*<sup>2</sup>, quando de sua transformação em *romance*, foi uma decorrência do Império Colonial levado além fronteiras pelos generais das hostes romanas.

Também conhecemos o processo pelo qual nosso idioma passou, ao longo de mais de uma dúzia de séculos, percurso em que a *residualidade* cultural nos proporcionou a guarda de uma *mentalidade* com a marca ocidental-ibérica.

Não é mais novidade que a Língua Portuguesa, ora falada por quase trezentos milhões de utentes em todo o mundo<sup>3</sup>, em sua origem, foi imposta à América do Sul, África e Ásia à guisa de instrumento de dominação, no rastro de uma estratégia de conquista de mercados concebida como civilizatória, que ora bem julgamos lembrar, quando já explodem os primeiros foguetes alusivos à comemoração dos quinhentos anos das grandes navegações portuguesas, e os relógios virtuais marcam, pressurosamente, os segundos que faltam para regozijarmo-nos do nosso "Descobrimento".

A despeito do que se pense, ou não, quanto ao que estamos a dizer, formada a nação brasileira a partir da fusão de três etnias, a ameríndia, a africana e a lusitana, o cadinho em que se fundem passa a ser algo original em busca de *crystalizar-se* ao produzir cultura.

Evidentemente, a miscigenação também define seu caráter, traçando o perfil do que hoje chamamos *identidade*. Assim, exaurida a ação colonial portuguesa nas partes do mundo antes mencionadas, com a devolução de seu último encarte, Macau, à China, necessário se faz aos povos que adotaram a Língua Portuguesa em momentos decisivos de suas Histórias não abrir mão jamais do bilingüismo, com certeza aí surgido, pois a cultura consiste numa contínua transfusão de *resíduos* indispensáveis ao recorte próprio da *identidade nacional*, qualquer que seja esta.

Foi assim com todos os povos que conhecemos e, inclusive, com os portugueses que, *residualmente*, são o produto dos lusos somados aos celtas, godos, iberos, romanos, árabes, galegos, provençais, castelhanos, entre outros, pois destes e de tantos mais é que resulta a cultura portuguesa. Não é preciso dizer quanto esta se deixou impregnar pela dos brasileiros, africanos e asiáticos, sem esquecer as marcas italianas, francesas, germânicas e inglesas<sup>4</sup>, visíveis nas produções mais notáveis daquele povo navegador. Não há, portanto, como tratar a Língua Portuguesa e as Literaturas com ela escritas se não for na perspectiva do enriquecimento cultural da humanidade.

Julgamos chegada a hora de considerar irrisórias as variantes lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas no uso literário que ora se faz da Língua Portuguesa, porque as Literaturas que nela têm expressão estão hoje em pleno esplendor poético, isto é, estão a *fazer-se* numa dimensão mais rica, significante e bela, do que pode ter sonhado Luiz Vaz de Camões.

Exemplo do que afirmamos é a recente floração literária de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Brasil e Portugal, em que podemos reconhecer o uso do mesmo idioma, enriquecido por variantes surpreendentes tanto do ponto de vista fonológico e prosódico, quanto da ortografia, sem falar dos outros aspectos referidos no parágrafo anterior.

Mas o fato mais importante é que apesar das inevitáveis diferenças havidas por conta das variadas condições de tempo, espaço e uso da Língua Portuguesa, pelos povos citados, as Literaturas que nelas têm expressão apresentam identidade própria e caráter típico, dentro de uma diversidade geográfica, histórica e étnica.

<sup>1</sup> Roberto Pontes é Doutor em Literatura Portuguesa pela PUC do Rio de Janeiro e Professor Adjunto do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> AFONSO, A. Martins. *Curso de História da Civilização Portuguesa*. Porto: Porto Editora, s.d., p.114.

<sup>3</sup> Maria Inês Castelo Branco, licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, afirma: "O Português é uma das línguas mais faladas em todo o mundo. O seu uso engloba as mais remotas regiões do globo e todos os continentes. Vamos, então, tentar ver como se distribui em termos geográficos, a nossa língua, já que, em termos quantitativos, é difícil, se não, impossível, fazer um levantamento rigoroso. Muito recentemente apontou-se para uma totalidade de duzentos e/ou duzentos e cinquenta milhões de falantes, número que, no nosso modesto entender, carece de rigor." In *Pequeno Curso de Língua Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s.d., p. 9. A observação da autora deixa subentendido um número de falantes em português bem superior ao que refuta.

<sup>4</sup> Camões, Eça, Antero e Pessoa são mais do que exemplos disso.

Como as Literaturas de Língua Portuguesa têm seu espaço na Europa, América do Sul, África e Ásia, e são hoje estudadas em centros universitários de muitos países; como esta comunidade de falantes, escritores e leitores tem no momento importância cultural, econômica e política no concerto internacional; e como língua e literatura sempre foram instrumentos de afirmação de povos e nações, necessário se faz conceituar um novo dado histórico-cultural, ecumênico, surgido da expansão da Língua Portuguesa no mundo: a *Literatura Afrobrasilusa*<sup>5</sup>, ou, a síntese das identidades na diversidade.

Admitir o termo *lusofonia* com referência a esta nova realidade é consentir, ao contrário do que argumentamos, que o idioma comum aos povos que hoje adotam a Língua Portuguesa tenha sido invenção dos lusos, hipótese que a História desconfirma. Além disso, o termo, pragmaticamente, impõe o predomínio de apenas uma parcela das etnias que originam o fato histórico, lingüístico, literário e cultural novo, que vem a ser a *Literatura Afrobrasilusa*, quando se dá destaque a uma evidente visão eurocêntrica que parece superada nos dias correntes. Não obstante, é este o lexema que entra na composição do certame científico cujo título é “V Encontro Internacional de Língua e Culturas Lusófonas”, com sede na Argentina, país vizinho do Brasil e seu parceiro no MERCOSUL. No dia 8 de julho deste ano de 1998, lançou-se no Centro Cultural Belém (CCB), em Lisboa, *Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, dando-se ênfase a este último termo na perspectiva negativa que apontamos.

Por outro lado, a designação de um encontro científico como o que se deu em 1994, na Universidade de Lisboa, o “II Simpósio Luso-Afro-Brasileiro de Literatura”, revela, pela composição do sintagma hifenizado, certa cautelosa intenção de separar o que hoje já não se distingue ou pelo menos não se deveria isolar. Do mesmo modo ocorre com o título de *SCRIPTA – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas*<sup>6</sup>, publicação de alto nível, mas cujo nome individualiza, hifenizando, referentes já amalgamados por decisivas injunções históricas.

O sintagma *Literatura Afrobrasilusa* tem vantagens incontestáveis sobre as denominações antes questionadas, e outras ainda de uso corrente, pois seu segundo termo se compõe por *aglutinação*, com a perda do limite “vocabular entre duas formas que se reúnem por composição ou por derivação e assim passam a constituir um único vocábulo fonético”, tal e qual nos ensina J. Mattoso Camara Jr.<sup>7</sup>. O mesmo autor nos diz que a *justaposição* reúne “duas formas

lingüísticas num vocábulo mórfico, quando, ao contrário da aglutinação, cada forma se conserva como um vocábulo fonético distinto em virtude da pauta acentual; ex.: *pré-histórico, amavelmente, guarda-chuva*. (...) Também há nomes adjetivos, compostos por justaposição (...) como a associação de dois nomes gentílicos (*lusobrasileiro*)”.

A pragmática da *justaposição* é, pois, manter separados os elementos do lexema; já a da *aglutinação* é, como vimos, nominar algo que se fundiu definitivamente, a não ser que coloquemos em dúvida o saber de J. Mattoso Câmara Jr.

Mas atenhamo-nos à questão histórica. “Todos somos gregos” – afirmava Percy Bysshe Shelley a propósito dos povos do Ocidente – “Nossas leis, nossa literatura, nossa religião, nossas artes têm raízes na Grécia” – cito cf. Fustel de Coulanges<sup>8</sup>. Contudo, os mitos fundantes gregos provêm do Egito cujo território fica em África. Se por um lado admitirmos que “todos somos gregos”, e Portugal se imagina miticamente bafejado por Ulisses (donde provêm Olisipo<sup>9</sup>, Lisboa), a África está entranhada na fundação da Grécia antiga, dando vez a podermos afirmar que *todos somos negros*. De modo que, em *afrobrasilusa*, deve vir em primeiro lugar o elemento morfológico que sugere a idéia de mais remoto historicamente; o segundo deve ser o que patrocina a idéia de liame, de ponte, e este só pode ser o referente ao Brasil, pois é neste país que a fusão das etnias se aperfeiçoa, visando a integração e o entendimento mútuo; a Portugal cabe o fecho fonológico-ortográfico deste neologismo porque, em qualquer ritual, são lugares de honra sempre o primeiro e o último, os quais cabem aqui, respectivamente, aos africanos, que hoje reinventam a Língua Portuguesa, e aos lusitanos, que modelaram-na a partir do Lácio. A nós, brasileiros, cabe-nos a alegria de desempenhar a função de elo aglutinante nesta palavra sonora e bela que muito bem exprime a realidade nova de uma *Literatura Afrobrasilusa*.

A poesia contida em *Sagrada Esperança*, de Agostinho Neto, escrita em Língua Portuguesa por um africano, que soa familiar aos brasileiros; a poesia dos *Poemas Negros*, de Jorge de Lima, ou a ficção de Jorge Amado, por exemplo, que causam indistintamente o prazer de ler entre os de África, Brasil e Portugal; uma narrativa como *A Selva*, de Ferreira de Castro, escrita por um português, mas cuja ação se passa na Amazônia brasileira, e comove igualmente a africanos, brasileiros e portugueses; ou ainda a narrativa de *A Costa dos Murmúrios*, de Lídia Jorge, que transcorre na costa da África e recorta o tempo de encerramento da aventura colonial portuguesa, escrita por autora

<sup>5</sup> Empreguei o qualificativo pela primeira vez ao dar título à minha dissertação de Mestrado, *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*, em que estudo a obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto, publicada pelas Edições UFC (Fortaleza)/Oficina do Autor (Rio de Janeiro), 1998.

<sup>6</sup> Vol. I, número I, 2º semestre, 1997.

<sup>7</sup> CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática – Referente Língua Portuguesa*, 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991, pp. 45 e 151-152.

<sup>8</sup> *A Cidade Antiga*, v. I. São Paulo: Editora das Américas, 1961, p.9.

<sup>9</sup> AFONSO, A. Martins. op. cit. p.29.

nascida no Algarve, mas francamente contrária à ação de seu país em Moçambique; obras assim pertencem a qual Literatura? Africana, brasileira, portuguesa?

Por isso é que reivindicamos seja qualificada de *afrobrasilusa* a Literatura dos países que aqui mencionamos, deixando no ar a seguinte indagação: – Não

seria esta a melhor forma lingüística, pelo menos a *politicamente correta* para definir expressões literárias como as de Luandino Vieira, Agostinho Neto, Pepetela e Mia Couto; Jorge Amado, Jorge de Lima, Mário de Andrade e Guimarães Rosa; Alves Redol, Ferreira de Castro, José Saramago e Lídia Jorge?